

EXPRESSÕES ANATÓMICAS POPULARES, MÍMICA E LINGUAGEM GESTUAL*

por

Abel Sampaio Tavares**

Resumo: o Autor cita certo número de expressivas e conhecidas frases da linguagem popular do Norte de Portugal, especialmente ligadas à dinâmica dos músculos faciais, dos globos oculares, da língua, das mãos (e mesmo dos pés...) e do conjunto dos membros superiores, do tronco e mesmo do corpo no seu todo. E que, naturalmente tornam mais claro e veemente o significado, e mais intenso o vigor, das mensagens que se pretende transmitir ou das ofensas verbais com que se procura atingir o adversário ou um grupo deles... O reforço gestual não se manifesta apenas no campo limitado da actividade teatral (ou cinematográfica) mas na vida de todos os dias, como em discussões de amigos, em feiras, mercados, nas transacções comerciais, nas trocas de mimos políticos. A linguagem popular, é, bem sabido, reforçada por gestos e atitudes mímicas mais ou menos sugestivas especialmente entre povos latinos. O autor dá alguns exemplos bem conhecidos, que demonstram a valia da linguagem mímica e gestual e cita também alguns exemplos colhidos na literatura portuguesa, de várias épocas e estilos. Como, com exagero, é certo, se ouve agora dizer: "O gesto é tudo, a palavras quase nada"... Para se valorizar tal complemento da simples linguagem falada.

Palavras-chave: Mímica; linguagem gestual; popular.

Abstract: The A. reports some examples of mimics and/or gestual language and of their relations with current Portuguese speaking.

Keywords: Mimics; gestual language; popular.

Em 1997 escrevi um trabalho sobre a terminologia anatómica na linguagem popular¹. Depois disso tive a grata surpresa de, com semelhante distribuição anatómica à seguida no meu texto, encontrar a obra de um, para mim, inesperado antecessor. Nada menos que o

* Comunicação apresentada à Reunião Conjunta da Sociedade Anatómica Portuguesa (42ª) e do 10º Congresso Luso-Brasileiro de Anatomia (Porto, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 2004).

** Professor Aposentado de Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina do Porto.

¹ *A Terminologia Anatómica na Voz do Nosso Povo (Somatizações, Sentenças, Tónicos e Muletas da Expressão Verbal)*, Medisa, Porto, 1997.

famoso escritor seiscentista D. Francisco Manuel de Melo. O qual seguira o mesmo critério topográfico na sua “Feira dos anexins”, obra que deixara manuscrita, mas viera a ser impressa a primeira vez, por iniciativa de Francisco Inocêncio da Silva em 1875². Trabalho no qual regista saborosos termos de carácter anatómico usados no seu tempo na linguagem popular.

Hoje vou tratar não das curiosidades da linguagem popular, mas das potencialidades da mímica e da linguagem gestual não só na transmissão do pensamento, mas sobretudo no reforço da linguagem articulada especialmente quando a ignorância do idioma ou a falência do aparelho ou dos centros auditivos, a tornam ininteligível. A dinâmica da face, dos globos oculares, da cabeça, do pescoço, dos membros, ou até do corpo na sua totalidade, dão força e vida à linguagem oral. Com efeito, se por vezes se diz, com exagero é certo, que “o gesto é tudo e a palavra quase nada”, esta expressão pode tornar-se extraordinariamente verdadeira se tentamos transmitir qualquer indicação a um surdo ou a um estrangeiro que não fale nem compreenda a nossa língua ou se a distância impedir a compreensão das palavras... A linguagem mímica e gestual foi aliás bem aproveitada não só pelos imaginativos autores da sinalética utilizada na alfabetização dos surdos-mudos, mas pelos artistas, pintores e escultores para transmitirem com clareza e força, através das suas obras, emoções, sentimentos, estados de alma, temperamentos.

No que diz respeito aos olhos e ao olhar, os exemplos são numerosos e extremamente ricos. E em todos os casos intervêm a acção conjunta dos músculos motores do globo ocular e dos que dinamizam a fenda palpebral. E não só: há que valorizar o papel da musculatura da nuca e do pescoço, que intervem nas mudanças de posição da cabeça, que também têm o seu papel na transmissão das mensagens com os olhos relacionados. Fala-se de olhos vivos, de olhos mortifcos, de olhos tristes, de olhos inquietos (olhos que não fazem a vontade do portador), de olhos baixos, de olhos sobranceiros, de olhos fugidios, de olhos penetrantes, de olhares perdidos, de pessoas que “comem outras” com o olhar, de outros que fulminariam alguém (se pudessem, claro...) com os olhos. A um distraído, ou menos interessado, pode recomendar-se que aborde um assunto, ou tente compreender ou resolver um problema, que olhe “com olhos de ver”. A outro, que vá para uma diligência, ou para um negócio com “olhos bem abertos”. Um amigo ou um sujeito mais culto ou mais experiente pode “abrir-nos os olhos”. De indivíduo distraído e pouco inteligente diz-se que anda por aí com “os olhos fechados”. E há aqueles que nos querem “tapar os olhos”. De um negócio muito lucrativo ou equivalente diz-se que foi de “encher os olhos”, ou então que tal transacção foi de “um pau por um olho”... Pode referenciar-se a capacidade própria ou de um amigo ou conhecido dizendo que o “Pai Paulino tem olho”, que o F. é de Olhão...”. O afastamento excessivo das pálpebras e a contracção dos músculos frontais, do elevador das pálpebras e o relaxamento dos orbiculares, pode tornar os olhos “arregalados”. Coisas há, de facto, de “arregalar os olhos”. Às vezes a surpresa é de tal ordem que os circunstantes dizem que F. ficou com olhos em bico... Nestes casos, se a surpresa de alguém foi muito grande, ouve por vezes dizer-se do sujeito que os olhos lhe saltam das órbitas... Sobretudo os dos ambiciosos e dos gulosos, das crianças e dos simples. Suponho que é daí que vem o termo “exorbitar” e o derivado “exorbitante”, que se aplicam a transacções e a preços muito exagerados,

² Tive acesso à 2ª Edição, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1916.

especulativos. Outros mostram “olhos de carneiro mal morto”. De outros, ainda, os respectivos olhos “não lhes fazem a vontade”. Dos glutões, diz-se que têm mais olhos que barriga. É corrente ouvir dizer-se que F. tem um olhar meigo, outro um olhar duro, ou até de aço (!), outro um olhar frio (ou mesmo glacial), outro, pelo contrário, um olhar quente, acolhedor. Ao invés dos que fulminam os outros com o olhar... Há quem mostre “olhos murchos” ou que até, perante um grande desgosto fique “murchos”. Aqui entra também a acção dos músculos faciais (especialmente dos triangular dos lábios) e até da musculatura geral do corpo, cujo relaxamento confere ao indivíduo aspecto “acabrunhado”.

Olhares há que incutem paz, serenidade, força, olhares que respiram serenidade, amor, (é muito curioso o termo “pinga amor”, no qual, necessariamente, entra a força e a meiguice do olhar...) outros que revelam troça, malícia ou então ódio, inveja, má vontade. Embora isso não tenha só a ver com a musculatura orbitária, mas com os outros factores, uns extra-musculares, outros extra-faciais, outros ligados à irrigação e vaso-motricidade da face. Há indivíduos que por vezes “respiram” ódio mesmo furor, inveja, recalçamento, outros serenidade e paz. Por isso diz o povo com verdade que “o mal e o bem à cara vem”. É certo que há indivíduos com capacidade de domínio extraordinário... Claro que a esses o ditado não se aplica... Lembre-se ainda que os idílios antigos podiam começar por “piscadelas significativas”... Dizia-se então que esses jovens catrapiscavam...

Ainda no que respeita à musculatura facial, o relaxamento dos elevadores da mandíbula e a entrada em acção dos que a fazem descer (ventre anterior do digástrico e milo-hioideu) e bem assim a musculatura peri-bucal, põe as pessoas de boca aberta: no sentido real, ou figurado, isso pode traduzir surpresa ou espanto. Mas de um indivíduo apoucado ou de que de tudo se espanta, ouve dizer-se que é um palerma, um “boca aberta”, ou de um comerciante explorador, que pratica preços altos, desses dir-se-á que “abre muito a boca”... De pessoa insensata e insegura do que afirma, diz o povo “que F. quando abre a boca, ou entra mosca ou sai asneira”... E há os que ficam de beíça (ou que amuam) ou de trombas (os que se sentem ofendidos) e ainda os que fazem beicinho (os que amuam, os caprichosos). Ou pelo contrário, os que aumentando o tonus dos mastigadores e dos cutâneos, mostram cara dura (diz-se às vezes cara de poucos amigos, ou cara de cão). Esta é qualificação antiga, pois o povo recita a propósito das rápidas mudanças metereológicas do mês de Março:

Março marcação
De manhã sol de verão
À tarde cara de cão!

Há os que pelo contrário, mostram cara alegre, prazenteira, cara de páscoas. E ainda os que, muito sérios e sorumbáticos, exibem cara de caso, “cara de poucos amigos”... Há ainda quem ameace o próximo de lhe “partir a cara” ou, de modo mais violento de lhe ir ao focinho ou de lhe ir às trombas... Pessoas que não são exigentes em culinária, dessas diz-se que têm “uma boca santa”. É o contrário do que se passa com os que “têm má boca”. As pessoas que abusam de calão qualificam-se e à sua linguagem de desbocados...

É frequente reforçar-se a afirmação de que se está bem alerta e atento em qualquer negócio ou transacção ou na aceitação de qualquer proposta, com um gesto muito significativo que consiste em puxar para baixo a pálpebra inferior direita pela acção do dedo indica-

dor do mesmo lado, bem estendido. E ouve-se o sujeito em causa dizer ao mesmo tempo com certa veemência: “olha!”.

As pessoas fatigadas essas “ficam com a língua de fora”. E aqueles em que a fadiga é extrema, dispneicas, arfantes, estão então a “deitar os bofes pela boca fora”. Daqueles que falam muito e de modo crítico pode-se ouvir dizer que têm uma língua comprida, afiada, até que têm uma linguinha de prata (paradoxalmente usa-se o diminutivo para aumentar a força de expressão...) ou mesmo se a coisa vai mais além, uma língua venenosa (ou envenenada) ou uma língua viperina. Dos indiscretos, faz-se aviso de que dão com a língua nos dentes, ou que poderão andar por aí “a badalar” (como o sino...). Aos indiscretos recomenda-se que “dobrem a língua”, ou que “tenham tento na língua”. E às crianças indiscretas, ouve-se às vezes a ameaça de se lhes ir cortar a língua... Deitar a língua de fora com certa violência diante de outrem que se julgou ter ficado derrotado numa disputa, é gesto vitorioso e ofensivo que revela muito má educação. Tal gesto pode ainda aumentar de violência e grosseria quando se lhe associar a emissão de um “a” gutural ou da expressão “achata!” a reforçar o cenário da vitória... É curioso lembrar a propósito da língua uma curiosidade: que o nome desse órgão foi aplicado aos interpretes de outrora, termos que aparece em muitos dos nossos clássicos.

Antes de sair da cabeça, falarei do beijo, como demonstração de amizade, de amor e de erotismo e do abraço que muitas vezes o acompanha. O simbolismo dos beijos é tal que podem ser enviados pelo correio ou pelo telefone... O beija-mão, esse indica respeito e submissão (dos filhos aos pais, dos afilhados aos padrinhos, dos súditos ao rei, na monarquia velha). Fala-se ainda em beijar o anel ao bispo e os pés ao Papa. O beijo pode ser um sinal de identificação, como foi o caso de Judas. Por isso a expressão “beijo de Judas” figura na linguagem corrente para indicar uma traição vil e não esperada. “Beijar o rabo” é expressão indicativa de reles subserviência. Citarei agora as “orelhas arrebidadas” (atenção minuciosa), as orelhas murchas (desânimo), as orelhas moucas (desinteresse ou desatenção ou quando não convém dar andamento a qualquer conversa, dar uma resposta ou fornecer certa informação). É conhecido o popular aforismo: “a palavras loucas, orelha moucas”. Exprime assim o conselho prudente de em numerosas circunstâncias se evitar o diálogo ou a recepção de informação que não interessa ou que certamente nos vai incomodar. Falava-se em tempos do “ouvido de tísico” para qualificar as pessoas de grande capacidade auditiva. Isto vinha dos tempos, ainda não muito distantes, em que para a tuberculose não havia tratamento e o prognóstico era fatal, e em que os infelizes doentes estavam, naturalmente ansiosos, a tentar ouvir o que sobre diagnóstico se sussurrava no corredor... As coisas mudaram, felizmente para bem, mas a expressão ficou. Também algo direi sobre o nariz. Há os que, ávidos de notícias, boatos, intrigas, “andam com os narizes no ar” a farejar, há os narizes torcidos e ainda os que “têm muito bom nariz”. A discordância pode exprimir-se pela expressão, não me cheira”, a reprovação por “isso cheira-me muito mal” ou até “muito mal”. Lembro o curioso dito popular: “É muito mau quem de mim mal diz, mas ainda pior quem mo traz ao nariz...” Os cristãos falam no “odor da santidade” o no “bom odor de Cristo”. A percepção da eminência de um conflito pode transmitir-se pela frase “já me cheira a esturro”. Um cheiro agradável é “um cheirinho” como o que desprende de um laranjal em flor e um mau cheiro um “cheirete” ou “um cheirote”.

O riso ruidoso, isto é, às gargalhadas, pressupõe, para além de acção dos músculos da face, a intervenção da musculatura da laringe e do diafragma, entre outros. E no choro, para

além do aumento notável da secreção lacrimal, entra também a acção da muscular facial e da estimulação repetida do diafragma (soluço).

Em suma: a acção simultânea dos músculos da face, do pescoço e nuca, do tronco, e até dos membros superiores, entra na expressão de muitos sentimentos e estados de alma: orgulho, coragem, valentia, preguiça, indiferença (é típico o “encolher de ombros” – elevação e descida consecutiva das espáduas), ira, humildade, submissão, ternura, ódio, bondade, compreensão, raiva, furor (aqui entra também o diafragma a comandar violenta e sonora expiração...), fadiga, complacência, desinteresse, avareza (as mãos flectidas, fechadas, são extremamente típicas...), ternura, reprovação, concordância, displicência, interpelação, etc. A resignação exprime-se por um encolher de ombros (que se há-se fazer?) acompanhado de um movimento típico dos membros superiores (caídos, em extensão e com as palmas das mãos viradas para diante). Aliás, pelo que respeita aos membros superiores, a sua intervenção na acção gestual é mesmo fundamental, claramente sugestiva e independente de raças e culturas. Isto para não falar no aproveitamento prático de factos convencionados como é o caso da codificação da linguagem gestual dos surdos-mudos, que é sempre extremamente viva, mesmo sem qualquer intervenção educativa... Basta pensar nos gestos das mãos ou dos membros no seu conjunto, alguns de clareza e força muito superiores às da linguagem articulada. E que em alcance a ultrapassam de notável maneira. Sublinhemos os gestos que incitam ao movimento ou à sua suspensão imediata (paragem) ou até os que sugerem o seu tipo (por exemplo a rotação ou o aumento de velocidade de marcha, a pé ou motorizada, ou atitudes perfeitamente comandadas como a de levantar, sentar, deitar, sair, entrar, andar, continuar, acabar. Para alguém demonstrar que não traz consigo qualquer instrumento agressivo, ou que, pelo menos, não tem o desejo de o manejar naquele momento, é típico o gesto de elevar os 2 membros superiores estendidos. Actos que pode também ser ordenado por quem tiver autoridade para o fazer (mãos ao alto!). Quando alguém desejar insinuar que é esperto (é o termo, pois não é exactamente o mesmo que ser culto ou instruído...), puxará para baixo a pálpebra inferior direita com o indicador do mesmo lado exclamando “olha!” ou expressão equivalente... Para exprimir arrependimento, bater-se-á na região esternal com a mão direita bem fechada. A intensão agressiva é manifestada também pela mão fechada lançada na vertical ou na direcção de outrem. Apresentar a mão fechada e flectir uma ou mais vezes o antebraço do lado esquerdo com a palma da mão direita aplicada sobre a prega do cotovelo do lado oposto, é gesto de carácter obsceno e claro significado, mas muito popular (o conhecido manguito), que ficou bem fixado pela arte de Bordalo Pinheiro na figura do Zé Povinho. Tal gesto pode ser acompanhado de violenta e agressiva injunção: “ora toma!”. Mostrar o polegar direito levantado indica satisfação. Em qualquer caso êxito ou vitória. Bem diverso é o significado do polegar descido a apontar o solo... A mão direita espalmada sobre o tórax, pretende indicar inocência ou ignorância testemunhal de qualquer delito. A aplicação sobre a região esternal das duas mãos levantadas e aplicadas uma à outra pelas respectivas palmas indica súplica ou devoção (para com Deus ou os Santos), ou então pedido de compreensão ou de benevolência. A realização de rotação esterna da mão direita sobre o antebraço em supinação, indica inocência ou então ignorância e muitas vezes um revez, frustração, fortuna adversa. A ignorância ou a inocência também são sugeridas pela apresentação simultânea dos dois membros superiores em extensão com as palmas voltadas para diante e a realização simultânea de movimentos repetidos de elevação e descida de ambas as regiões

escapulares. As pessoas impulsivas e mal educadas manifestam muitas vezes insultuosa agressividade, apresentando o dedo médio da mão direita bem estendido entre os que o ladeiam completamente flectidas... É gesto universal... Outros gestos bem conhecidos e grosseiros são os da “figa” e o de introduzir um dedo (ou mais) no orifício bucal, com a mandíbula levemente descaída, para troçar do insucesso ou de qualquer semelhante desiludido. E as mulheres mal educadas insultam por vezes as pessoas com fortes e nervosas palmadas na própria região nadegueira... É ainda com gestos (acenos) que se podem enviar, a quem se afasta ou já está longe, saudações e cumprimentos ou certas indicações de sentimentos ou afectos. Os militares, esses saúdam-se encostando a mão direita, com os dedos unidos e as palmas voltadas para a frente, do lado correspondente da cabeça. Às vezes, parados, juntam simultaneamente e de modo sonoro ambos os calcanhares. O gesto de introduzir os dois polegares nas cavas do colete, não é visto somente nos dançadores de fandango. Indica tranquilidade, lazer, displicência. Outro gesto universalmente compreendido, realizado com os dedos, neste caso com o polegar da mão direita a pressionar o indicador do mesmo lado (às vezes também o médio), indica dinheiro nas suas várias modalidades. É ainda com o indicador direito levado à boca, estendido, até junto do nariz que se sugere ou se impõe o silêncio. Gesto bem conhecido para indicar respeito e consideração ou para saudar alguém ou algum grupo, é o de levar a mão direita junto da cabeça e daí retirar o chapéu, o boné, a boina, a cartola, enfim a sua cobertura. O gesto pode ser apenas sugerido, esboçado. A ausência assumida do gesto é igualmente significativa: – indica desprezo, falta ostensiva de respeito e consideração, educação deficiente. Recordo ainda que era com o membro superior direito estendido na horizontal e com os dedos unidos e para a frente voltados que se saudavam os romanos, por exemplo, e, em tempo ainda recentes, os fascistas e os nazistas. E que os comunistas, esses, o faziam com o mesmo membro, erguido e com os dedos fortemente flectidos. O conhecido punho fechado... seu símbolo. Colocar o antebraço direito flectido sobre o peito é sinal de respeito e esse gesto por exemplo durar tanto quanto os acordes do hino nacional.

A importância das mãos na eficácia da linguagem gestual e na expressão dos sentimentos é extraordinária e está muito para além do seu papel instrumental de maravilhosa qualidade e eficácia. Lembrarei aqui um belíssimo soneto do saudoso *Prof. Hernâni Monteiro*, no qual muito bem se mostram e valorizam as capacidades gestuais da mão humana. Foi dedicada esta poesia ao *Prof. Vitor Fontes*, da Faculdade de Medicina de Lisboa, que foi também ilustre presidente da Sociedade Anatómica Portuguesa, quando este professor apresentou o seu conhecido trabalho sobre os músculo intrínsecos da mão.

Já cai paralisada a mão pálida e fria
 Que pelo mundo espelha o Bem mais o pecado,
 A mão segura a enxada, a mão dirige o arado,
 E assim ganha, contente, o pão de cada dia.

Dá-nos, brandindo a espada, a glória que inebria
 E faz a casa e o templo, o esquife e o berço amado;
 Com ela, o sábio escreve, e o artista, inspirado
 Difunde pela terra, o sonho e a fantasia

Movimenta-se no ar e a mão então é fala;
Vê-de como ela ri, vê-de como ela chora;
Esconde-a o criminoso, a mão logo se cala

Levanta-a o Santo a Deus, cuja clemência implora;
A mão nos abençoa, a mão nos apunhala;
A mão é luz que brilha ou sombra que apavora.

Lembremos ainda o gesto de satisfação de passar a mão ao longo da face anterior do abdómen após uma boa refeição. Ou o de espalmar a mão e movê-la sobre o trânsito intestinal. A atitude de espalmar a mão direita sobre o pré-córdio é indicativa de sinceridade e boa fé... Dar palmadinhas nas costas de alguém é sinal de afecto, ou de concordância, de estímulo, de cooperação. Anediar a cabeça de outrem, quase sempre uma criança, é também testemunho de ternura ou de compreensão. Mencionemos o gesto de levar a mão à frente (fadiga, cefalalgia) ou o de bater com a palma na frente quando nos esquecemos de algo importante (tem o mesmo significado o de sacudir os dedos da mão direita ou o de as agitar). O de levantar o indicador direito à região frontal tem o mesmo simbolismo, mas também serve para indicar insanidade mental, de outrem, claro. Agitar seguidamente a mão direita erguida ao lado da cabeça sugere em relação a outrem instabilidade mental e ao próprio dúvida e indecisão. Inclinar a cabeça indica afirmação, agitá-la para um e outro lado rejeição, encolher os ombros dúvida ou resposta negativa a uma questão. Encolher a cabeça entre os ombros erguidos é sinal seguro de dúvida ou indecisão, ou ignorância. O dedo indicador (e daí o seu nome) serve, sobretudo, quando estendido para apontar algo ou alguém, ou uma decisiva resolução. Como é o caso fixado na estátua portuense do Infante D. Henrique, visando o mar alto e o horizonte, pretende mostrar a sua firme intenção de começar a gloriosa gesta das navegações portuguesas. Agitar os dois indicadores estendidos a cada um dos lados da frente indica traição conjugal ou, por semelhança ou comparação, outro qualquer acto desleal ou traiçoeiro. Levantar os polegares com a mão fechada é, como já disse, sinal seguro de vitória. Levar os dedos juntos da mão direita à boca e depois agitar a mão no ar, simboliza o envio de um beijo, que a distância não permite efectivar. Refira-se ainda no referente ao membro superior, a sua intervenção no acto, tão belo, de abençoar, ao desenhar o sinal da cruz com a mão direita estendida e com os dedos juntos. É ainda com a mão direita que se executam sinais muito sugestivos com que convidamos os outros a aproximar-se de nós, ou a afastarem-se, ou a entrar, ou a sair. Pode ainda claramente sugerir-se a outrem a realização de movimentos de torção ou de rotação (isolada ou sucessivamente, como no manejo de um saca-rolhas), ou de secção como no convite ao corte de um bolo ou de um prato de carne. Ou uma sugestão de comer ou de beber, ou de outros actos fisiológicos como a micção, a defecação ou a cópula. As duas mãos erguidas com força ou vivacidade aos lados da cabeça ou aplicadas espalmadas na região temporal, indicam grande ou irremediável revés. Pode ser expressão meramente teatral de contrariedade realmente menos dura.

A altivez, o orgulho, o auto-reconhecimento (ou super avaliação) de superioridade mental ou social traduzem-se fisicamente por aspecto altivo, isto é, porte erecto, com os músculos da nuca um pouco contraídos e pescoço em moderada extensão), com os elevadores das pálpebras superiores contraídos, de mímica parada e dura. Destes se diz que olham por

cima dos ombros... ou que levam o rei na barriga. É atitude muito própria dos que, por qualquer razão (dinheiro, nascimento, dotes intelectuais, cultura – muitas vezes falsa) ou sem razão nenhuma, se sobrevalorizam ou muito presumem das suas qualidades e méritos. A musculatura facial também se agita, de modo significativo com as dores físicas e morais, com as emoções, com a tristeza ou a alegria, ou o entusiasmo (aí também entram as mãos em movimento – palmas), perante certos acontecimentos, com carga emocional positiva ou negativa, que presenciamos ou de que tomamos conhecimento.

Falemos, por último, dos membros inferiores, com os quais se realizam actos com grande expressão universal. É o caso da pateada, sinal sonoro de desagrado ou discordância, ou o de mimar um agressivo pontapé ou uma claudicação ridícula. A alegria pode levar alguns indivíduos ou multidões a saltar e saltos colectivos e ritmados são hoje muito frequentemente praticados por grupos não só de jovens em “concertos” de “rock’n roll”, mas também por políticos, quando por exemplo, vencem renhido acto eleitoral... A expressão de “saltar de alegria” vem da antiguidade e aparece mesmo em algumas passagens bíblicas...

Não poderei concluir esta exposição sem dar alguns exemplos de transposição dos termos que traduzem gestos e atitudes para a linguagem correntes, para além do beijo e do abraço: levar ou dar um pontapé que pode ser na região nadegueira, no c. no dizer popular, ou andar aos pontapés (para isso já teve de se ser derrubado ou de cair, para estar no chão...), apanhar um coice do inimigo ou de amigo injusto, oferecer pancada, derrubar alguém ou estar em queda livre, dar a outrem uma bofetada (que pode ser de luva branca...), andar na vida aos encontrões, ou de rastos, aplicar a outrem uma cabeçada, agarrar outrem por um braço e pô-lo pela porta for a, deitá-lo pelas escadas abaixo, encolher os ombros após qualquer recomendação ou conselho, correr com outro ou ser corrido, andar de cabeça erguida ou pelo contrário cabisbaixo, dobrar-se (isto é, flectir a coluna e o tronco) perante uma emergência ou os poderosos, ou manter-se pelo contrário bem aprumado (fala-se até de aprumo moral...) ou convidar alguém a “voar”, dizer que algo é de pôr as mãos na cabeça (ou os cabelos em pé), que alguém é teso ou de espinha dura, ficar com a língua de fora, com olhos arregalados, com dores de barriga, cair para o lado (após uma má notícia) ou ficar aos pulos (após outra excelente), ou a tremer (expectativa receosa), ou ainda passar a mão pelo pelo (assim como se afaga um cão ou um cavalo...), deitar uma mão a alguém, segurar outrem, etc., etc. São alguns dos muitos exemplos que poderia apresentar.

Mas, Exmos. Colegas e Amigos, tudo neste Mundo tem limites e inclusivé a vossa paciência benevolente. Muito obrigado.